

LINGUAGEM, COGNIÇÃO E CULTURA: A CONSTRUÇÃO DE SENTIDO EM GRANDE SERTÃO

Vanilton Pereira da Silva

Departamento de Letras - UFRN

1. Introdução

A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente. BERGER e LUCKMANN (1996:35).

A construção dos diversos modos de manifestação da linguagem parte necessariamente de processos de ordem cognitiva que condensam as experiências socioculturais apreendidas nas relações com o mundo e as armazenam na memória dos indivíduos sob a forma de esquemas imagéticos. Esses esquemas são acessados na medida em que a situação comunicativa os ativa. Assim sendo, não existe imparcialidade nos processos de produção de linguagem, uma vez que os sujeitos envolvidos no ato comunicativo já trazem consigo resquícios de suas vivências. Nas palavras de Koch:

Postula-se que os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social em que se acham envolvidos, isto é, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso. Assim sendo, eles já trazem, para a situação comunicativa, determinadas expectativas e ativam dados conhecimentos e experiências quando da motivação e estabelecimento de metas, em todas as fases preparatórias da construção textual, não apenas na tentativa de traduzir seu projeto em signos verbais (comparando entre si diversas possibilidades de concretização dos objetos e selecionando aquelas que, em sua opinião, são as mais adequadas), mas também quando empenhados na compreensão de textos. KOCH (2005:95)

Tomando como base a Linguística Sociocognitiva, entendemos que a imagem que se tem do mundo é, na verdade, um esquema moldado e estruturado a partir das relações intersubjetivas norteadas por fatores de ordem lingüística, cognitiva e cultural que se realizam em um dado contexto. Desse modo, essa imagem construída não representa, de forma alguma, uma realidade factual absoluta e, muito menos, a essência verdadeira das coisas. Sendo, ao contrário, sujeita a transformações no decorrer da trajetória histórico-temporal vivenciada pelos sujeitos participantes desse processo de construção sociocognitiva. Assim sendo, a junção desses três elementos – linguagem, mente e cultura – é que trará sentido às coisas. Um sentido movediço é verdade, mas que dará conta dos anseios humanos, no momento em que se encontrar estabilizado

cognitivamente.

É bom esclarecer também que a expressão imagem do mundo não está sendo usada no sentido de um ente autônomo, pré-existente ou imutável, como defendem algumas teorias, mas sim a um edifício simbólico concebido e estruturado pelo homem a partir de processos sociocognitivos materializados através da linguagem. É a partir dessas concepções que se pretende evidenciar, considerando a obra literária “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa (2001), como se dão os processos de categorização das diversas imagens sócio-culturais construídas, compartilhadas e estabilizadas pelos sujeitos inseridos no contexto espreado por toda narrativa rosiana. Não tendo como pretensão, portanto, mostrar como o sertão é representado pela linguagem, mas, antes, como a linguagem constrói um novo sertão. Afinal, ela não só é capaz de gerar sentido, como também de criar realidades.

De acordo com o professor Paulo Henrique Duque, ao versar sobre a teoria dos protótipos, a categorização nada mais é do que a forma com a qual organizamos nossas experiências DUQUE (2003:1). A linguagem, dessa forma, teria a função de categorizar, uma vez que faz a mediação entre o homem e o mundo, dando a este sentido e organização, perceptíveis àquele. Ora, para categorizarmos o mundo precisamos falar a respeito dele. Ao fazermos isso, nos utilizamos ou somos influenciados por fatores que estão na base da construção e organização da estrutura lingüística, quais sejam: sócio-culturais, biológicos, psíquicos, contextuais e históricos. Partindo dessa linha de raciocínio, conclui-se que não existe uma estrutura de sentido autônoma e dissociada da experiência. No dizer de Koch:

Na base da atividade lingüística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos lingüísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes, mas, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente. KOCH (2005:99)

2. O tempo e o mundo

Estar no mundo hoje não é o mesmo que estar no mundo em séculos anteriores. Apesar de tal afirmação parecer óbvia, o que pretendemos nesse tópico é refletir, a partir de uma perspectiva sociocognitivista, como se dão tais transformações. Entendemos que as engrenagens lingüísticas são movidas pelos processos mutacionais e evolutivos que se desenrolam através dos tempos e que influenciam indiscutivelmente o modo de pensar e produzir linguagem dos seres humanos. E dentro dessa maquinaria, a Literatura parece ter um papel fundamental, não meramente de reprodução de fatos objectuais ou cronológicos – como pretende a História –, mas na fomentação de processos de categorização dos diversos esquemas imagéticos identificados no transcorrer dos séculos na vida de todos os povos e representados através de recursos lingüísticos.

É importante, para melhor utilizarmos esses recursos, desfazermos a falsa idéia que foi engendrada e disseminada ao longo dos tempos de que razão e emoção são coisas estanques e antagônicas, como se a mente que estrutura uma proposição racional

não fosse a mesma que concebe uma proposição mítica, por exemplo. É ingenuidade achar que só há duas alternativas: escolhermos a razão em detrimento da emoção ou vice-versa. Quando, na verdade, o que acontece na prática é que uma mesma estrutura mental elabora e aciona mecanismos adequados à resolução dos mais diversos problemas que se apresentam no desenrolar de nossas vidas cotidianas. Portanto, o que precisa ser feito é, simplesmente, usar adequadamente os recursos lingüístico-cognitivos que nos são pertinentes.

Assim sendo, a opção de se lançar mão de elementos mítico-literários, bem como de expressões artísticas (música, teatro, dança, poesia, entre outras) para falar de crenças, símbolos, sentimentos, imaginação, sagrado, entre outros, se deve ao fato de que essas abordagens, no afluir dos tempos, mostraram-se mais eficazes no preenchimento dos vazios existenciais do gênero humano, bem como na urdidura de realidades vivenciais complexas, funcionando como uma espécie de bálsamo curativo repleto de sentidos e respostas aos acontecimentos de nossa vida cotidiana. É na realidade cotidiana, portanto, que “os homens das ciências, artes e religiões” encontram sentido para suas objetivações. Esse entendimento é corroborado no fragmento textual infracitado:

A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. (...) O físico teórico diz-nos que seu conceito do espaço não pode ser transmitido por meios lingüísticos, tal como o artista com relação ao significado de suas criações e o místico com relação a seus encontros com a divindade. Entretanto, todos estes – o sonhador, o físico, o artista e o místico – também vivem na realidade da vida cotidiana. BERGER e LUCKMANN (1996:38,44).

Em “Grande Sertão: veredas”, os conflitos existenciais vividos no cotidiano de Riobaldo, personagem central da obra, ao mesmo tempo em que se confundem com a imagem dos jagunços, evocam também a imagem de qualquer homem em qualquer lugar do mundo. O local e o universal são vozes de uma mesma orquestra perfeitamente afinada. No desenrolar de sua travessia, experiência conflitos universais na sua interação com as áridas veredas sertanejas, bem como com a matéria vivente da região, desencadeando andanças entre o mundano e o divino, entre o amor e o desejo, entre o medo e as lutas sangrentas, entre o silêncio e a necessidade de verbalizar sua história. Mas não podemos perder de vista que a matéria prima responsável pela concepção desse sertão tão sedutor e peculiar é a palavra. A composição dos personagens e dos cenários é feita através da palavra. As experiências e pensamentos relatados só ganham sentido a partir da linguagem. Assim como no Gênesis, em “Grande Sertão” o ato criador é consumado pelo verbo.

A relação linguagem, cognição e cultura, como se sabe, é recíproca e poderosa. Sabe-se também que nossos pensamentos e ações são norteados por palavras. A escolha lexical, a arrumação textual, a argumentação desenvolvida, os objetivos delineados, tudo isso junto, traduzido na linguagem, é que dará sentido ao cenário, às pessoas e às ações construídas na narrativa. E é justamente essa trama vocabular que

evidenciará de que forma, por exemplo, Riobaldo vai se colocar diante de si próprio, dos outros e do mundo.

A maquinaria lingüística constitui-se, portanto, numa espécie de bem da humanidade que acompanha o homem desde os primórdios. Logo, não podemos nos esquecer de que os seres humanos distinguem-se dos demais seres vivos pela faculdade de produção de pensamento e linguagem. O que demonstra, evidentemente, que não somos apenas criativos – capazes de improvisar mediante acontecimentos imprevisíveis –, somos também movidos pela curiosidade, pela sensibilidade e pela busca constante de sentido.

A linguagem constitui-se, dessa forma, no elo de interação e categorização entre o homem e sua cultura, já que apresenta parâmetros de diversidade, inventividade e complexidade atinentes às mais distintas situações enunciativas. O que enseja o entendimento de que um mesmo signo lingüístico pode apresentar diferentes significados de acordo com os diferentes contextos em que for utilizado. Essa configuração de significados depende de inúmeros fatores. Dentre os quais podemos citar: contexto, tempo, emprego, interlocutores, circunstâncias, intenções, crenças e vontades. Sendo assim, o significado da palavra depende do contexto em que é usada. Tal compreensão é ratificada por Duque, quando afirma que:

(...) a linguagem é meio de conhecimento, em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e estruturas da linguagem são analisadas, não como entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamentos e da experiência cultural, social e individual. DUQUE (2003:1).

Para vermos de forma clara e didática como o mundo se transforma no decorrer dos séculos, basta abrirmos um livro de História e constatarmos que conjuntamente com a sucessão dos eventos distintos narrados, mudam também as concepções de mundo compartilhadas pelas mais diversas culturas. É como se cada momento histórico desse a cada sociedade nele inserida uma lente capaz de fazê-los enxergar coisas supostamente iguais de modo diferente. A mente age conjuntamente com o corpo e interpreta o mundo a partir das experiências sócio-culturais apreendidas. Marcuschi fortalece esse entendimento ao afirmar que “a mente não se desliga do corpo e está situada em contextos físicos, sociais e históricos carregados de culturas e vivências”. MARCUSCHI (2005:63).

Vemos o mundo e o interpretamos a partir daquilo que dele conhecemos. Destarte, a aquisição de um novo conhecimento pode desencadear um processo de mudança das concepções que temos sobre ele. Nesse caso, a verdade deixa de ser absoluta e passa a ser desconstruída, reconstruída ou recategorizada no transcurso de nossas experiências lingüísticas, cognitivas e culturais. Afinal, participamos o tempo todo de eventos diários com os quais só lidamos satisfatoriamente quando lançamos mão, dentro do espaço sociotemporal em que estamos inseridos, da mente, da linguagem e da experiência adquirida e compartilhada no interior de nossa cultura.

3. Exterioridade e interioridade

Veremos, agora, como se dão as relações interativas entre os aspectos de exterioridade (culturais, sociais, etc.) e interioridade (psicológicos, biológicos, etc.) à luz da Linguística Sociocognitiva – teoria que norteia o exame lingüístico processado neste artigo. Para melhor compreensão da temática abordada, faz-se necessário um retorno aos tempos aristotélicos para que identifiquemos com maior clareza as bases cognitivas que dão corpo à maneira sociocognitivista de conceber e interpretar a construção das diferentes versões de mundo introjetadas e exteriorizadas pelos sujeitos envolvidos nos processos intersubjetivos de comunicação.

Aristóteles defendia a idéia de que os objetos seriam identificados e nomeados no mundo a partir de seus traços intrínsecos e imanentes (essencialismo). Dessa forma, as coisas mundanas possuiriam uma essência imanente que, sendo captada pelo homem, dava a este o poder de nomeá-las de acordo com suas inerências. A linguagem teria, então, um papel primordialmente representativo, ou seja, teria, a priori, a função de comunicar os traços inerentes ao objeto descrito. Assim sendo, a comunicação seria tanto mais eficiente quanto mais fielmente fosse sua representação das características intrínsecas das coisas.

No entanto, não é mais possível negar que a linguagem não se restringe a uma função reducionista ou meramente essencialista, mas intermedeia e materializa as relações entre a mente e o mundo. Pois, como afirmou Geertz, aquilo que se vê depende do lugar em que foi visto, e das outras coisas que foram vistas ao mesmo tempo. Quando pensamos a respeito das coisas que existem, não o fazemos dissociados dos nossos sentidos – visão, audição, olfato, tato ou paladar – nem do ambiente (histórico, temporal, geográfico, cultural, etc.) no qual estamos inseridos. Todos esses aspectos nos ajudam a perceber e construir os diversos esquemas imagéticos que circulam pela sociedade.

Pensar e falar são, por isso, ações inseparáveis. Sempre que pensamos ou falamos, o fazemos em forma de linguagem. E sempre que produzimos linguagem, o fazemos tomando como referencial aquilo que conhecemos ou experienciamos de forma objetiva ou subjetiva. Logo, as relações entre mente, mundo e linguagem cooperam concomitantemente nos processos de categorização das coisas.

Vivemos em uma sociedade onde as pessoas compartilham de um mesmo entendimento porque categorizam o mundo a partir de traços comuns pertinentes à cultura da qual fazem parte. A força motriz desse processo é a interação recíproca entre o homem e o mundo, em que ambos são construídos e reconstruídos através da linguagem. Se não houver comunicação mútua entre os sujeitos de uma dada sociedade e o mundo, não poderá haver significação e conhecimento. Dessa forma, tanto as mentes individuais quanto o universo de línguas existentes podem ativar operações recíprocas de permuta em que todos ganham. Essa interação de mentes que convergem para construção de mundos é mencionada por Langacker. Vejamos:

(...) uma faceta crítica do meio no qual operamos e nos desenvolvemos

consiste em interações com outras pessoas e outras mentes. Isto leva ao reconhecimento mútuo, acomodação e instrução como também a uma convergência substancial nos mundos mentais construídos. LANGACKER (1997:233)

4. Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa

a) O autor

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo (MG) no dia 27 de junho de 1908 e morreu no Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1967, três dias depois de tomar posse na Academia Brasileira de Letras. Filho de Francisca Guimarães Rosa (Chiquitinha) e Florduardo Pinto Rosa (Seu Fulô) passou sua infância e adolescência em contato com o universo sociocultural sertanejo, rodeado de fazendas, vaqueiros e criadores de gado. Em 1925, matriculou-se na então Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, com apenas 16 anos. Formado médico, trabalhou em várias cidades do interior mineiro, onde interagiu com o povo e a geografia da região, tão presentes em suas obras. Autodidata, aprendeu vários idiomas e tornou-se diplomata vindo a atuar em vários países.

Apesar do contato precoce com as línguas e a literatura, só publica sua primeira obra em 1946. Trata-se de Sagarana, livro composto de contos e novelas regionalistas. Porém, é em maio de 1956 que atinge seu maior sucesso editorial com o lançamento de Grande Sertão: Veredas, obra literária revolucionária que causa grande impacto no cenário literário brasileiro. Através dela recebeu vários prêmios nacionais, inclusive o prêmio Machado de Assis, do Instituto Nacional do Livro. Em 1967, depois de ver sua obra máxima traduzida para vários idiomas e reconhecida internacionalmente, seria indicado para o prêmio Nobel de Literatura, porém a indicação foi retirada por iniciativa dos editores alemães, franceses e italianos em virtude de sua morte. Dessa forma, João Guimarães Rosa nos deixou de herança uma das obras mais brilhantes e consagradas da literatura Brasileira.

b) A obra

Antes de iniciarmos efetivamente a análise de alguns fragmentos textuais de Grande Sertão na ótica da Lingüística Sociocognitiva, faremos uma breve explanação sobre o romance. A narrativa, que de acordo com seu próprio autor é uma espécie de “autobiografia irracional, ou melhor, minha auto-reflexão irracional”, revela as memórias do jagunço Riobaldo Tartarano no transcurso de sua história desde o menino obrigado pela mãe a pedir esmolas às margens do rio São Francisco – lugar onde conhece o amigo que se tornaria seu grande amor impossível, o menino Reinaldo – até se tornar o valente e respeitado chefe da jagunçada, o Urutú-Branco. O relato é direcionado ao seu compadre Quelemém de Góis e descreve as vivências e andanças do grande jagunço através de uma região que se estende geograficamente do norte de Minas, passando pelo sul da Bahia, até chegar a Goiás.

Apesar da limitação geográfica, a construção imagética do sertão rosiano,

bem como de seus personagens, transpõe fronteiras e ganha o mundo. Ela é edificada a partir de uma linguagem vigorosa e alomórfica, capaz de criar, recriar e renovar o mundo com o qual interage. E é esse jeito de falar em Grande Sertão que dá à obra um caráter universal traduzido na expressão: “o sertão é do tamanho do mundo” (p.89). Riobaldo não está livre das influências sociais, políticas, paisagísticas, espirituais, lingüísticas, pedagógicas e filosóficas que exercem papel importante tanto na formação do caráter quanto no modo como ele enxerga e interpreta o seu entorno sociocultural. E assim como qualquer outro homem, tem conflitos existenciais que envolvem reflexões sobre a origem das coisas, a espiritualidade, o ódio, a vida, a morte, o desejo e o amor.

É justamente o amor inexplicável e paradoxal existente entre Riobaldo e Diadorim que norteará todo o romance, instigando tomadas de rumos e decisões que darão sentido e trarão desfechos surpreendentes às vidas dos personagens. Toda essa trama rosiana ganha sentido e materialidade a partir da linguagem. Portanto, é na elaboração textual onde são evidenciadas as construções de sentido relacionadas à religiosidade, à instrução educacional, à práxis das relações intersubjetivas vividas no cotidiano e à ação implacável do instinto de sobrevivência na vida do homem que é massacrado pelo seu limite físico e psicológico bem como dos demais aspectos que compõem a obra, seja diretamente ou a partir de inferências.

c) A construção do sentido em Grande Sertão

Começaremos nossa análise com uma pergunta: é possível compartilhar elementos idiossincráticos e universais numa mesma categoria? O próprio título “Grande Sertão: Veredas” enseja uma reflexão que pode dar pistas em direção a uma resposta plausível. Partamos do pressuposto de que é a partir do conhecimento, adquirido através de nossas experiências, que categorizamos as coisas que chegam até nós. É óbvio que idealizamos esse conhecimento individualmente, mas é inegável também que ele é produto de nossas relações intersubjetivas e socioculturais, partilhadas no interior de um determinado entorno cultural. Grande Sertão (aspectos universais da obra: filosóficos, míticos, existenciais...) e Veredas (caracteres idiossincráticos: temperamentos, sentimentos, reações de cada um; e não só isso, mas também as características socioeconômicas, geográficas, históricas e políticas típicas do sertão mineiro) dialogam de forma inseparável e imprescindível na categorização do sertão rosiano.

Dessa forma, o sertanejo deixa de ser um mero habitante de uma determinada região e passa a compor a categoria de ser humano que, assim como os demais, é afligido por dúvidas, incertezas e conflitos psicológicos pertinentes a qualquer homem, em qualquer lugar do mundo. Isto posto, não podemos achar que o processo de construção de sentido empreendido pelo autor do texto se dá de forma imparcial, pois os aspectos cognitivos espalhados na obra revelam também o conhecimento de mundo que tem o criador da narrativa. Conhecimento este, aliás, construído ao longo de sua existência vivencial com o aporte de aspectos cognitivos e culturais. Isso vem ao encontro do que defende a sociocognição, qual seja, o entendimento de que a compreensão do mundo que nos cerca dá-se através da interação homem-sociedade.

É exatamente o que acontece em “Grande Sertão”, a interação inventiva e profunda entre Riobaldo, sua terra, seu povo e sua cultura. O sertão riobaldiano é complexo, é dinâmico, é camaleônico – assim como o ser humano no curso de sua existência. Podemos mudar a maneira como vemos o mundo a partir da aquisição de um novo conhecimento ou da experimentação de um novo evento. O sertão elaborado por Guimarães Rosa é a prova disso. Nele as coisas são móveis. O imponderável pode surgir a qualquer momento. A razão e a emoção não são coisas absolutas e estanques, mas variáveis que dependem do contexto em que estão inseridas.

Para ilustrarmos esse entendimento lançaremos mão do conflito construído em torno das versões públicas de mundo que se cristalizam nos personagens Riobaldo, Nhorinhá, Otacília e Diadorim. Para tal, faz-se necessário retomarmos as palavras de DUQUE (2003:1) ao versar sobre a Teoria dos Protótipos, a saber: “a categorização é a forma com a qual organizamos nossas experiências”. A teoria mencionada postula que nós caracterizamos determinados exemplares de uma categoria como mais ou menos prototípicos de acordo com as semelhanças de família que apresentam. Assim, estabilizamos cognitivamente modelos do que seja homem, mulher, pai, mãe, escola, família, etc. Desse modo, as categorias têm caráter heterogêneo. Uma vez dentro dela, poderemos ter membros mais representativos (prototípicos ou melhores exemplos) e menos representativos (maus exemplos, ou seja, aqueles possuem menos semelhanças de família da categoria). Por exemplo, dentro da categoria jagunço, o protótipo seria um indivíduo do sexo masculino que vive uma vida de aventuras e perigos fazendo, em geral, uso da guerra para promover a paz. Sendo assim, a priori, uma mulher não poderia pertencer a essa categoria.

Feitos os esclarecimentos necessários, vejamos agora o perfil dos três personagens que norteiam o conflito psicológico-emocional vivenciado por Riobaldo. Começaremos por Nhorinhá, delineada como uma prostituta carregada de sensualidade que atíça em Tartarana o desejo carnal, a sede em busca da satisfação de seus impulsos libidinosos. Em seguida, pela doce e pura Otacília – moça virgem, de posses e de “boa” família – que é construída textualmente como a mulher ideal pra se casar. Por fim, Diadorim, motivo maior dos conflitos de Riobaldo, representando o amor impossível, tendo em vista o seu caráter proibitivo. Isso se dá porque, apesar de existir um amor verdadeiro entre os dois, esse sentimento é revestido por repulsa e aflição devido à pseudo-identidade de Diadorim. Afinal, seria inadmissível para um jagunço, homem rude enraizado na sua cultura, que transita numa sociedade machista, tradicional e profundamente impregnada de religiosidade nutrir um sentimento por outro homem.

Parece claro que as três personagens acima descritas apontam para três categorias prototípicas cristalizadas num contexto histórico e sócio-cultural que se passa nos tempos da República Velha – quando é detonada a Revolução de 30. Nesse momento da História, assim como em tantos outros, as relações de poder são determinadas por aspectos políticos, sociais e econômicos que favorecem os poderosos em detrimento dos pobres sertanejos obrigados a se submeterem à autoridade de fazendeiros, seja na execução de atividades legais ou ilegais.

Vejamos alguns fragmentos retirados de “Grande Sertão: Veredas” de João

Guimarães Rosa (2001), que ilustram bem o modo como são construídos os relacionamentos entre Riobaldo e cada uma das personagens apresentadas acima:

Da relação entre Riobaldo e Diadorim

“Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo – podia morrer. Se acostumavam de ver a gente parmente. Que nem mais maldavam.” p.44

“Diadorim estava me esperando. Ele tinha lavado minha roupa: duas camisas e um paletó e uma calça, e outra camisa, nova, de bulgariana. Às vezes eu lavava a roupa, nossa; mas quase mais quem fazia isso era Diadorim. Porque eu achava tal serviço o pior de todos, e também Diadorim praticava com mais jeito, mão melhor. (...) Se ele estava com as mangas arregaçadas, eu olhava para os braços dele – tão bonitos braços alvos, em bem feito e a cara e as mãos avermelhadas e empoladas, de picadas de mutucas.” p.51

“Aí, entendi o que pra verdade: que Diadorim me queria tanto bem, que o ciúme dele por mim também se alteava. Depois dum rebate contente, se atrapalhou em mim aquela outra vergonha, um estúrdio asco.” p.53

Da relação entre Riobaldo e Cecília

“Otacília, ela queria viver ou morrer comigo – que a gente casasse”. p.69

“No escaldado... “Saio daqui com vida, deserteio de jaguncismo, vou e me caso com Otacília” – eu jurei, do proposto de meus todos sofrimentos”. p.68

Da relação entre Riobaldo e Nhorinhá

“Eu nem tinha começado a conversar com a moça, e a poeira forte que deu no ar ajuntou nós dois, num grosso rojo avermelhado. Então eu entrei, tomei refresco, limonada de pêra-do-campo. Se chamava Nhorinhá. Recebeu meu carinho no cetim do pêlo (...)”. p.49

“Mire veja: aquela moça, meretriz, por lindo nome Nhorinhá (...) Quando conheci de olhos e mãos essa Nhorinhá, gostei dela só o trivial do momento.” p.115

Os fragmentos textuais foram acima referidos no intuito de referendarmos o que foi dito a respeito da construção imagética das relações estabelecidas entre as personagens mencionadas e Riobaldo. Parece claro, portanto, que ele age influenciado pela versão pública de mundo construída em torno das personagens. Assim, mais do que lidar com Cecília, Nhorinhá ou Diadorim, Riobaldo Tartarana era seduzido e conduzido

por aquilo que elas significavam pra ele, a saber: uma moça de família, uma prostituta e um homem, respectivamente.

É evidente que a teia de esquemas sociocognitivos enredada ao longo da obra norteia tanto o modo de pensar e agir de Riobaldo quanto o dos demais personagens partícipes do universo construído por Guimarães Rosa. Os mecanismos de formação de sentido têm como base as experiências cotidianas compartilhadas pelos sujeitos que pulsam e interagem nesse mesmo universo. E é exatamente essa simbiose intersubjetiva que se processa dentro de uma determinada realidade que dará consistência e estabilidade aos esquemas imagéticos perspectivados pelos indivíduos envolvidos nesse processo sociocognitivo. Desse modo, as coisas do mundo são categorizadas, interpretadas e compartilhadas não a partir de elementos compreendidos aprioristicamente, mas, antes, tomando como base a interação da linguagem, cognição e cultura.

5. Considerações finais

Tencionamos com esse breve trabalho evidenciar a possibilidade concreta da interação interdisciplinar, não só entre a Literatura e a Linguística, como também entre outras disciplinas na busca de um melhor entendimento dos processos de formação lingüística do ser humano. Para tal, parece bastante pertinente a utilização de Grande Sertão: Veredas, por se tratar de uma obra literária que, além de ser referência no que tange aos processos de criatividade e inventividade, estabelecendo uma profunda relação com a sua época, sua cultura e sua língua, consegue também tratar, brilhantemente, de temáticas universais.

Acreditamos, por fim, que o significado das coisas não é fixo ou imanente, mas construído a partir das relações entre mente, linguagem e mundo. Assim sendo, vivemos numa rede de significados interligados, edificada por conceitos ou modelos estabilizados por nós, ou seja, trata-se de uma estrutura móvel que estabiliza modelos prototípicos – esquemas mentais mais típicos de uma categoria – adequando-os às necessidades intersubjetivas dos falantes. Categorizar, portanto, é por ordem no mundo.

Referências Bibliográficas

BERGER, P.L. e LUCKMANN. A construção social da realidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

DUQUE, Paulo Henrique. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical. In: M. Cecília Mollica e Cláudia Roncarati (orgs.). Anais do III congresso internacional da ABRALIN. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(21\)13.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(21)13.htm)

GEERTZ, Clifford. 2000. O Saber Local. Novos Ensaios de Antropologia Interpretativa.

Petrópolis: Vozes.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A Construção Sociocognitiva da Referência. In: Neusa Salim Miranda; Maria Cristina Name. (Org.). *Linguística e Cognição*. 1ª Ed. Juiz de Fora: UFJF, 2005. P. 95-108.

LANGACKER, Ronald W. 1997. The contextual basis of cognitive semantics. In: Jan NUYTS & Eric PEDERSON (eds.). *Language and conceptualization*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 229-252.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A Construção do Mobiliário do Mundo e da Mente: Linguagem, Cultura e Categorização. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M. e BENTES, A. C. (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.